

Ronaldo Costa Fernandes

Eterno passageiro

(*poemas*)

Obras do autor:

Romance

João Rama (1979)

Retratos falados (1984)

Concerto para flauta e martelo (1997)

O morto solidário (1998)

Novela

O ladrão de cartas (novela, 1981)

Ensaio

O narrador do romance (1996)

Poesia

Estrangeiro (1997)

Terratreme (1998)

Andarilho (2000)

Índice

Prefácio

O tempo

A imaginação dos bastardos

Campos de concentração

Vertigem das baixezas

A arte do corpo

Noite, pura noite

O vestido de ferro

O animal barbado

Anatomia do pé

Beira-mar

O telefone

Fleuma

A maçã no escuro

Cine Éden

Diálogos no ar

Luzes da cidade

Maré dos indigentes

Imolação

O demônio do silêncio

Imaginação violadas

Deserto

Indústria do amargo

A construção da ponte

Dissolução
Crime passionai
A torre e o abismo
Rapto
Aula de física
Lição de desastre
Outubro
Poema para as pás
Para Nauro Machado
O passageiro de papel
Foice que fatia o ar
Estômago do tempo
Poeira
O moinho e a bicicleta
Concreto
A bicicleta do fim
Pernas
Tristeza
Ventre frio
O não-lugar
Armadilhas
Desejo
Vida de cidade
Língua de trapo
Invenção da existência
Os dois portos
Viveiros

O assobio

Antropofagia do abismo

Invenção

Genitivo

Avenida Beira-mar, 1960.

Queda

Poema contra a cremação

A chuva

Potemkin-Kursk

A Combustão de Existir

Antonio Carlos Secchin

A poesia de Ronaldo Costa Fernandes se tece num mundo de asperezas e sob o signo de contínuos descentramentos. No (renegado) livro-folheto de estréia *Urbe* (1975), já se desenhava uma tensa e hostil relação do poeta frente ao espaço da metrópole, vivenciado como fraude e clausura. Nas coletâneas seguintes – *Estrangeiro* (1997), *Terratreme* (1998) e *Andarilho* (2000) – desdobra-se a imagem de um poeta em trânsito, através de sucessivas viagens cujos pontos terminais, em vez de representarem a conquista de um paraíso apaziguador, impedem a consolidação de qualquer esperança, ao deixarem patente a inutilidade da travessia (“Nenhuma França me fará feliz”). Este *Eterno passageiro*, que se insere na trilha aberta por seus predecessores, desde o título se apresenta com refinada ambigüidade: cada um dos dois termos pode ser lido como substantivo ou adjetivo do outro, e ambos ainda podem ser considerados adjetivos simultâneos de algum elíptico substantivo.

O leitor há de ter percebido o lapso de 22 anos decorrido entre a estréia e a retomada da criação poética de Ronaldo: nesse longo intervalo, ele construiu sólida carreira como romancista, tendo sido contemplado, inclusive, com o prestigioso prêmio Casa de Las Américas. A poesia, porém, era uma espécie de hóspede clandestina de sua prosa, aguardando o momento de abrir passagem e retomar um lugar que era seu na origem. As recentes publicações no gênero

confirmam que, finalmente, a escrita de Ronaldo optou por dividir-se (ou multiplicar-se) entre a ficção e o lirismo, abrindo-se ainda à arguta reflexão ensaística de *O narrador do romance* (1996).

Se a inflexão explicitamente engajada foi a tônica de *Terratreme*, os demais títulos privilegiam uma atitude que filtra o social pelo olhar impactado do sujeito lírico que o sofre. O mundo, o outro, lá estão, não como realidade alheia ou alienada, mas transformados em dádivas ou dores agregadas ao corpo do poeta. *Eterno passageiro* é, em Ronaldo, mais uma etapa conseqüente desse processo de não estetizar a brutalidade da matéria-prima da existência. Peles e corações ressequidos, trastes, objetos banais, ossos, vísceras, besouros: tudo cabe numa poesia que devolve e revolve, com a força de sua voluntária crueza, a impureza da aventura de estar vivo. A “combustão de existir”, referida no belo texto “Imaginações violadas”, é o processo que sustenta, não se sabe ao certo com que propósito, as máquinas humanas, navegantes náufragas à deriva da vida.

Os sessenta e três poemas do livro operam num registro lingüístico bastante despojado, mas não necessariamente fiel à ortodoxia da linhagem construtivista. *Eterno passageiro* embarca ao largo de algumas das tendências hegemônicas de nosso lirismo contemporâneo. Nesse sentido, pode-se dizer que o “andarilho” Ronaldo Costa Fernandes, “estrangeiro” no banquete de confrarias poéticas ostensivamente (auto-)festejadas, percorre caminhos paralelos ou marginais a vários roteiros previamente sinalizados para o aplauso crítico: o exibicionismo erudito, a intertextualidade para poucos, o minimalismo, o virtuosismo conservador e bem-penteado ou – seu oposto, idêntico pelo avesso – o beletismo da rebeldia, previsivelmente “desconstrutor”. O poeta, conforme registra no texto “Para Nauro Machado”, prefere tratar o “poema como búfalo não domado”. É ler peças como

“Outubro”, “Poema contra a cremação”, “Avenida Beira-mar, 1960”, “Deserto” para nos convenceremos do acerto dessa opção, que nos brinda com uma poesia de voz e vôo próprios.

*“Y si así diéramos las narices
en el absurdo”*

César Vallejo

Para Cérés

Anatomias

O tempo

O tempo e sua matéria
a máquina dos meus humores
tão rica e mineral
enquanto lá fora
a sonata dos desatinos
orquestra o boi que se estende no varal.

O tempo e sua miséria,
deus negro que não encontra o sono.

O tempo e sua morfologia
feita de nada e de tudo
como alguém que anda
com os calcanhares para a frente.

O tempo e sua bÍlis negra,
atrabiliário e perverso,

monstro do Loch Ness,
ó profundeza feita de vazio.

O tempo e sua caixa de música
o lugar dos sons prisioneiros
que se escuta é o silêncio das horas
lambendo o ar rarefeito.

O tempo – animal que não envelhece,
nós é que passamos por ele
como alguém que acena de um ônibus
para a imobilidade saudosa
de um bar à beira da estrada.

A imaginação dos bastardos

Como serão os anjos na velhice?
Aqui onde a queda é ascensão
não duvido da existência
do hálito de Deus.
Somos as raízes mortas
cheirando a ferro,
respirando o incenso do monóxido de carbono.
As putas recolhem entre as pernas
a espécie sutil de réptil
seco da Johntex:
o pânico feito de elástico, músculo e noite.

Campos de concentração

Essa vegetação dos cabelos
são tranças do ovário.
E o coque de aspereza,
a trama de parecer uma sendo várias.
Ceifar o milharal dos canos,
os ipês sopram ventos roxos,
semear a monocultura dos esgotos urbanos.
Os receios esterilizam a terra
e as estações de metrô
trazem sempre o inverno do cimento.
Só os loucos têm razão,
choramingos febre sezão ai ai Deus.
Talvez as chuvas de verão
me tragam abrigo
e agosto, época de seca,
me chova torpezas.

Vertigem das baixezas

Os alpinistas escalam a morte.
Também sei o perigo do cume,
mesmo sem me deslocar,
sei o alpinismo dos olhares submersos
que me fazem perder o pino.

A arte do corpo

Numa dessas Bienais de São Paulo,
vi de longe, sozinho, passarinho,
o poeta Mário Quintana.

Durante anos a imagem – peixe azul – me perseguiu.
Por fim, entendi a recorrência:

Mário Quintana era móbile,
magra *body-art*,
andar performático,
existência conceitual,
em seus parangolés de ossos e calvícies,
em sua lígias & papes
de velho movido a arame,
seu corpo virtual,
ali, entre os cimentos desarmados do Ibirapuera.

Noite, pura noite

Não há carteiros na noite.

Feito só de cabeça,
corpo de luz invertebrada,
o sinal de trânsito
pende gota gorda de vermelho.
As putas dão prazer automóvel.
Na numismática das janelas
o único olho aceso do prédio não pisca.
A noite não tem pés só cabeça
o travesseiro feito de vozes interiores,
fronhas inconscientes,
vigílias sonâmbulas.
Inventar a noite:
abolir sua mania de enigma,
a substância silhueta,
eliminar o hábito de sombra.

O vestido de ferro

Tudo teu é de ferro:
bolsa, armário e escova de dente.
Teu vestido de betume
brilha um céu de gesso e espessura.

Os sapatos caminham léguas de carmim.

As lixas de unha limam a aspereza
dos amores fugidios,
estes amores de lama e rosa,
que enferrujam na lixa do tempo.

Os carretéis de linha
não bordam a vida,
é de náilon tua costura do medo.

E, por fim, teus perfumes
amargam a beleza fescenina
de nunca atingir o clímax
ou preferir a rigidez do aroma.

O animal barbado

Este animal que se rasura
como quem raspa a orelha do porco
para a feijoada de fim de semana,
este animal feroz e matutino,
como um auto-retrato,
com seus olhos 3 x 4 ,
observa a paisagem da janela
e do outro lado do vidro
está ele mesmo,
é ele a paisagem que envelhece
cada vez que a frequenta.
Este homem ao espelho,
gilete de martírios e angústias violáceas,
barbeia seu minuto e sua morte,
exasperada e afiada servidão,
a consciência espumosa da pequena guilhotina.

Anatomia do pó

I

Essa invisibilidade me corrompe.
A que espécie de tédio pertence o pó?

II

O grão do pó se materializa
em camadas de memórias abandonadas.

III

Pele porosa de terra.
Superfície sobre superfície.
Um bicho de duas peles.

Beira-mar

O menino olha extasiado a maré encolher-se.
O que era água agora é lamaçal cinza
e os homens bonecos de barro sem pernas
caranguejam atrás de sua imagem e semelhança
– e alguma lata de conserva
que se finge de baiacu de alumínio.
O menino vê o Rio Anil ser engolido pela maré.
Para onde foi tanta água?
O menino também é uma maré vazia perplexidade
vento soprando mangue maré vagueza.
O mangue esponja em seu bolo fecal.
Tarde, tarde, o menino olha a tarde,
o fenômeno é reversível,
maré retrátil,
ele sabe que, como a vida,
amanhã voltará a acontecer.

Apetrechos

O telefone

O telefone,
quando não ruma
a língua como chicletes,
pode transformar
o dente em bala,
fazer da saliva argamassa.

O telefone,
anatomia de um só ouvido,
tecnologia de conchas arbitrárias,
pode vir a ser telegrama de vozes,
revólver na têmpera.

Fleuma

Onde estará o pensamento do sangue,
o temperamento da carne, a alegria dos pêlos,

a melancolia dos vegetais – em mim
ou na capacidade das coisas de existir com humores?

A maçã no escuro

O jóquei monta hipóteses,
a isquemia dos azarões,
chicoteia pavores.

O cavalo bufa músculos.

“Monto, logo existo”.

Por que o jóquei flutua?

Quanto menos homem houver,
maior o prêmio da sobrevivência.

Aposta nos cascos que cavam o ar
– as pules são roletas de quatro patas – ,
o cavalo, nas pistas reiterativas,
linhas de trem,
deseja a paz quadrada da cocheira,
ali donde parte e chega sem sair do lugar.

Cine Éden

No cine Éden, hollywood da Rua Grande,
a leste de coisa alguma,
o mundo tinha a dimensão de
seis metros estirados de pano.

As janelas abertas deixavam ver o céu
como se fosse a tela e os astros
representassem piscando os olhinhos
de gás das estrelas.

Cleópatra se sentava na cadeira de madeira
depois de servir o jantar aos patrões.
E Marco Antônio,
o filho da puta do Marco Antônio,
tinha as mãos calosas de pedreiro.

Ó tempo das imagens fugidias,
o mundo como um grande rolo,

a lata de lixo da História
estava cheia de papel amassado dos bombons *Pippers*.
Que viveremos nós depois do
the end da História?

Diálogos no ar

Eis que o trapezista, em estado de espanto,
me invoca
o picadeiro de um metro quadrado,
a redundância dos vôos mecânicos,
a ciência dos estilingues,
efêmero, patético e inconcluso,
esquina de ar onde a gravidade é mais lei.

Luzes da cidade

A cidade lambe sua ferida
enquanto se mumifica na seca.

Úmido de meus humores,
caminho neste deserto
onde nenhuma paixão orvalha.

A angústia de quem é vivo
– os pés já não dão frutos,
o tronco desempinado,
as folhas secas das mãos.

A seca reinventa a fisiologia,
evaporo minhas asperezas.

Os pássaros bicam a claridade,
o branco que tudo empalha.

Maré dos indigentes

O que indefine a maresia
serão os peixes das vísceras,
a flora marinha dos vermes
ou os corais cortantes da fome?

Não se sabe se é homem de rio
ou se homem de mar aberto
se é de água doce da loucura
se é de água salgada da corrosão.
A pele não se lava
e por isso não se sabe se é de couro ou de escama.

Trazem na boca o anzol
que os suspendem à vida.
O coração finge ser molinete:
ora afrouxa, ora repuxa.
A difícil e insistente pescaria de gente
mesmo na ressaca em que vivem.

Arrulham em hordas – noturnas hordas –
nas filas das sopas universais.

As duras asas que desaprenderam
o aviário ato de sobreviver.

Bicam a lata de lixo,
recolhem os milhos da esmola
na estendida mão para a palmatória.

Imolação

O sol se imola
qual corpo em chamas
para cumprir seu alvoroço de hélio.

Ó tempo incendiário,
sem minudências, sem delicadezas,
os corredores da morte das calçadas,
a discórdia fahrenheit em seus mais altos graus.

O demônio do silêncio

A manhã é feminina ou masculina?

Certos dias a vagina da manhã se abre infravermelha
com seus raios de grandes lábios.

Outros dias são emasculados pela névoa
que catarata o falo do silêncio.

Dentro de casa,

a puerícia da luz fraca,

as paredes urinando umidade e descaso.

Aqui habita o demônio do silêncio

que queima mais que a palavra devassidão.

Imaginações violadas

O padeiro exerce o fermento
na alquimia do forno
que tudo assa: trigo e cotidiano.

Há fila de espantos
para comprar o alimento
que já está em nós:
rotina de existir todas as manhãs.

Há algo de bíblico
em meu ateísmo amanteigado
e no confuso café com leite
em que as matérias filosóficas
se reduziram, em minha mesa, a migalhas.

A imaginação é o grande padeiro,
de um lado me fermenta,
de outro me coloca em seu forno:
a combustão de existir.

Deserto

Assim a praia deserta,
imóvel, paquiderme de areia,
ventando-se a si própria,
onda que de si se alimenta,
estava o coração do mundo.

As palmeiras perfiladas não discordavam
com suas palmas indecisas
e toda nervura da manhã deserta
era a desfiguração da realidade
postal do tempo estagnado:
praia, homem, olhos e areia.

O que escalda não é a areia fina
nem o sol que se dependura, coco
exaustivo, passado do tempo,
o que escalda é o remorso arenoso.

Este mar que me banha
não é líquido.

Já não tenho a memória dos peixes.

Indústria do amargo

A indústria do amargo desassossego,
a patente do medo, a geringonça

movendo as vísceras dentadas,
a fábrica de desacertos mostra o intestino,

manufatura de mercadoria e dejetos,
o lodo e o pêndulo como destino.

Eis o lodo, barro inútil para fazer gente,
massa fecunda para fabricar o desengano.

Agora a outra prensa do nada:
o pêndulo: que é o mesmo e seu avesso,
ora num lugar, ora em outro,
sem nunca sair de onde está;

preso de si, são dois em um,
um que se faz dois,
para iludir a salmoura da matéria.

A construção da ponte

A ponte mostra sua corcova de pilotis,
espinha dorsal pronta para receber
a peridural de cimento,
o aço que anestesia.

A ponte assim descarnada,
pura estrutura,
no compasso ainda da prancheta,
ansiedade das margens que se esperam,
a ponte é um feto de ferro
em sua placenta esparramada de água.

A vida em fatias

Dissolução

Não percebo fuga,
escape ou ladrão que me transborde.
Estou aprendendo a lição de casa,
tão difícil quanto qualquer lição da rua.
Não direi mais presente.
Quando vier a chamada direi futuro.
Refazer a ginástica:
pegar a própria barra para ascender.
Sou como os jardins que são florestas mansas
controladas por mão arquiteta,
na planta de papel vegetal,
na lobotomia da poda
ou no choque elétrico do cortador de grama.

Crime passional

Só o homem é capaz do exagero.
Aquilo que aparenta ser exagero
– tempestade, tormenta, rio caudaloso –
é apenas crime passional das águas.

Ó tu que não sabes ser só,
vem, aconchega-te,
a natureza não conhece a solidão.
Por que o vermelho
dá a falsa impressão do grito?

A torre e o abismo

Aqui estaremos seguros da vida.
Nada nos atingirá – nem falésia
nem miséria nem a ambição dos homens.

Mais tarde subiremos à torre
e de lá olharemos os homens
e diremos que não fugimos
ao pasmo do abismo,
apenas preferimos o risco do silêncio.

Rapto

Adentremos o espesso ar de aniquilação
e, após, virá a exata cirurgia do aprumo
que não nos nega nem nos afirma.

Este rapto que se espelha na água
é apenas o farfalhar de inépcias
que submergem à imensidão do medo.

Aula de física

O pêndulo é suspenso pela dúvida
que transforma em dois o que é um.
O pêndulo e seus braços
que marcham sem sair do lugar.
Seguro à dúvida,
não sou dois nem um,
marcho parado,
sem conta que me dê jeito,
sem física que me conforme.

Lição de desastre

Pode o verão dizer orfandades?

No quadro-negro,
o risco é meu equilíbrio.

O enxame dos segundos
varíola minha lições de desastre.

Não sou insular,
sou arquipélago,
e, cada vez que mergulho,
afogo mormaço, sargaço e remorso.

Outubro

Odeio as geladeiras
que conservam corpos esquartejados;
as agendas que escrevem à mão o futuro.
Os cães daqui de casa latem para o sol
como os lobos para a lua.
Não são duas faces da mesma moeda,
mas as duas moedas da mesma face da vida.

Quero ser uno e dois,
aprender com a disciplina dos becos,
lá onde a saída é a entrada.
Quero ser estático e andarilho,
aprender com a disciplina dos rios
que se movem sem sair do lugar.

Poema sobre pás

As pás do ventilador nunca se alcançam:
eternamente perseguindo a pá que segue
e fugindo da pá que lhe persegue.

Estou no mundo entre duas pás:
a pá de espírito que não alcanço
e fugindo da pá de cal
que me quer dar descanso.

Para Nauro Machado

Estranha poesia de outra ordem orgânica,
que se engendra no útero do tempo,
gera ervas de daninha botânica:
flor que ilumina tudo o que não é bento.

Em Nauro, a lúcida e melhor leitura,
poesia do poeta insular, pedra feita
verbo encarnado na carne dura
revela a rede-teia onde não se deita.

Porque em vez de algodão traz alfinete,
em vez de trinado a rima rouca,
barulho de aço contra aço sem azeite,

a poesia mais pura quanto mais louca.
Este o valor maior por nós incensado:
poema como búfalo não domado.

O passageiro de papel

Sou máquina que cospe eternidade,
as linhas aqui não gemem,
os pontos imaginários não se pegam,
tudo é exatidão de tempo recortado.

Não há antes nem depois da fixa foto,
apenas o gesto do imóvel limite,
a faca do tempo com que me corto,
a vida mesmo kodak que me demite.

Foice que fatia o ar

O corpo se executa
na tarefa da exatidão,
mostra-se curva e linha,
curva que não entorta,
linha que é o caminho mais curto entre dois corpos.
Sabe Deus também escrever
por linhas cartesianas,
e, na sua cerâmica sabedoria,
esculpir o zero do barro e o absoluto do vazio,
sendo o artesanato do barro
a tua presença que tudo preenche,
sendo o absoluto do vazio
a tua presença de sopro que dá vida ao vácuo.

A fome do mundo

Estômago do tempo

Máquina não existe que faça fino
o ato de viver,
que torne a vida mais branda.

A única máquina que a vida conhece
é a lima que se percebe na seca pele,
o destino certo e fatal
para o qual a máquina,
voraz de matéria humana,
foi construída: o estômago do tempo.

Poeira

Que cinema é este,
sem bilheteria e lanterninha,
sem cadeira, sem tela,
cinema onde grassam sombra e ferida?

Onde estão foco e luz,
rolo, fita ou palco?
Aqui há escasso e fluido traço,
brumas, arabescos, fetiches,
mulheres de batom e bronha,
restos de vigília
e o borralho do sono
reconstroem o cinema da infância
na caixa preta da fronha.

O moinho e a bicicleta

Os olhos pisados
miram as pegadas
daquilo que não se pode ver.

E o moinho pervertido,
em vez de grão, mói sombras.

Gira a bicicleta absurda:
rodas de adeus redundante,
guidão de vontades escuras.

Este vestíbulo não antecede a nada
e não me ante-sala para ninguém.

Concreto

O imenso ventre roliço de ferro,
a bateadeira cujas entranhas
são feitas de pedra e vômito de cimento,

ainda moles, no gestar do ato,
no desenho futuro da casa fixa,
este gesto não é o gesto de viver,

mas a sonolência dos impertinentes,
a insensatez das falésias que se abismam
ou o corte abrupto dos tratores

no exato ato de construir não mais a casa,
e, sim, a vida, cheia de cortes e abismos,
falésias ao café da manhã,

dormências de ventres roliços de pão e vazio,
as linhas da casa não projetada na própria vida
a casa aqui não é o útero,

além existem as estradas com suas curvas precipitadas,

desejos de abismos, vertigens de cimento e asco,
a imensidão do nada na bateadeira

que mistura o risco de viver
e o traçado da casa que virá
ainda é apenas o projeto de vida,

sendo germinada no útero de ferro,
cimento, cascalho e náusea.

Pernas

Minhas pernas têm vocação metafísica,
meditam sobre o nada,
e, de pernas para o ar,
querem tomar o lugar
da cabeça.
Que pensam minhas pernas de mim?

Tristeza

Sou um sujeito antes só
que mal acompanhado ando de mim.
Quis dar vizinho à estranheza:
ando baldio e terreno.

Ser outro,
anônimo ou todos
como numa lista telefônica.
Aqui é preciso um pouco de margem
para sanear as vontades.
A mão de fevereiro é devassada.
O pior motor é o da memória:
apenas range os dentes de popa
que não se usam mais.
Tristeza é o nome antigo de Deus.

Ventre frio

O galo no meu jardim é uma planta de penas,
move sua crista em flor na inquietude verde.
As frutas azedam a existência pendurada.

A geladeira agasalha fragmentos dispersos de vida.
Uma coxa de galinha, meia garrafa de suco,
carne gelada do não,
ali, no ventre iluminado e frio,
a vida se dá nos pêssegos cortados
como fetos em conserva.

O não-lugar

Lugar tão exaurido
que dele não emana nem a morte,
já que a morte,
existência pela negação,
não pode negar o que não existe.

A cada volta um parafuso a menos,
as palavras sem roscas.

Não é apenas o tempo que me devora.
Há outras bocas:
o amor que tem vários lábios,
o rio da infância que, seco, ainda saliva.

Armadilhas

Temo o garrote da asma,
mão que segura uma das pernas da noite
– ela, que não tem fundo –
e pode se tornar alçapão.

A armadilha do espelho do banheiro
– que é um quarto de cheiros
e três quartos de desespelhos.

A noite se tranca em seu incômodo,
o que se dilata e retrai
é a injúria que trabalha sob temperamento:
o falso aperto de mão das maçanetas,
o grito em falsete das dobradiças,
tudo são formas de medo,
que é o estado das coisas
que só tomam vida
quando nós as tiramos da imobilidade,
que, por sua vez, é uma espécie fabricada de morte.

Desejo

Roer o resto de sombra,
rasgar a cerimônia da carne.

Besouros negros rastejam
o ponto final que se move.
Os interruptores tocam
a mesma nota de luz.

Vaga-lumes mecânicos tramam a aurora.
Enormes gessos feito seiva
escorrem pelas janelas vaporosas e cítricas.

Da pasta de dente evolui o gozo branco
dos flúores que entram nas veias reiterativas.

Uma gilete silenciosa e rubra corta
a necessidade da fome espaçosa,
já inútil como um garrafa vazia na geladeira.

Vida de cidade

Posso viver em qualquer lugar,
pois me habito – o que por si só
me torna inquilino da minha própria vida.

Cada passo meu se afoga no mar Vermelho.
Nesta vasta mesopotâmia
em que me encontro
não existe meio-termo,
meu extremo é sem Oriente.

Língua de trapo

Que língua se fala no Inferno?

A algaravia da língua estrangeira
é estouro de cavalos selvagens.

Que língua se fala dentro de mim?

A lucidez e o desejo
se contrariam e se justificam
pois são duas maneiras
de a língua existir
em seu delírio de água
ou certeza cartesiana de fogo.

Cenas

Invenção da existência

Nenhuma França me fará feliz,
estrangeiro no meu bairro,
em algum lugar da rua
existirão passaporte,
campos elíseos da várzea
e, por fim, a esquina entre dois continentes.

Em algum lugar deste estio,
nascerá grama entre as minhas juntas.
Sou puro e infeccioso
como um não dito a uma criança.

Só me traduzo em minha língua.
Minha língua materna tem gosto de leite.
Os cartórios não registram desejos viscosos,
fugas angulosas,
febre sezão das imaginações,
o livro tombo que não me firma.
Demorei a existir.

Os dois portos

I

O porto, deserto, tem vontade de raízes.
Cada calçada estrangeira é um convés arquejante,
navegação de baixo calado, espessa longitude,
a foto que me pedem não cabe numa vida a 3 x 4.

II

O porto afinal não existe:
argamassa feita de partidas de pedra e nervuras dúcteis,
as heras são as amarras indolentes,
as cordas músculos que se distendem.
Irresoluta, a vida se encaixota e espera
na incúria insalubre dos porões.

O porto me afunda em vez de me ancorar.
Sou apenas imagem fugidia

de um cais
que nunca visitei, embora viva nele.

A morte,
ora, a morte
é que é o porto onde o corpo atraca,
sem corda, só com a âncora de madeira.

O porto é a dispersão da pedra,
o mar domado,
lenço exsudante
em forma de borrasca
que nada agita além de nós mesmos.

Viveiros

Com quantas grades se constrói
a espessura da razão?
Coloquei cercas e arames
para conter a chegada do possível.
Poderia ainda colocar
em cativeiro os medos.
Mas teria de ser um cativeiro pouco leniente,
grade de finíssimos perjúrios,
sem embaraço das febres.
Poderia, por fim, criar gritos,
manter um viveiro deles.

O assobio

A memória não passa de um assobio do tempo.

Minha tendência à queda
vem do fato de só ter meio fio.

Os ritos têm seu perfume próprio,
por isso não desprezo a força
da iniquidade dos meses.

Vôos cegos de morcegos da angústia,
que dorme de dia de cabeça pra baixo,

podem me elevar ao cume do chão,
pois não há nada mais sublime que o chão.

Antropofagia do abismo

Longe de minha geografia,
a topografia dos nervos,
a altura da depressão,
a antropofagia do abismo.

As birutas, com seu esqueleto de ar,
mostram a lucidez dos ventos.
Pássaros de ar, espaços de si,
os ventos são fugas.
Meu corpo é biruta,
dando-me o movimento do ar,
sem nada indicar além do vazio,
do corpo com espinha de gás,
enlouquecido de ventos ditos náuticos,
que menos me guiam que desorientam.

Invenção

Esse andaime que ali está
poderia construir-me,
provisório, esqueleto de canos,
sem vísceras ou sangue,
apenas o desenho mínimo de ferro.
Então minhas dores seriam de ferro,
de ferro minhas angústias,
de ferro meus medos,
até enferrujar-me ao sereno da vida,
vida que está sempre em obra,
o reboco das promessas,
e, de concreto, apenas os projetos.

Ó dúvida mourisca,
retira-me a malária do desejo.

Genitivo

Não há lei que proíba o tempo.
Os minutos têm pés chineses.
A falsa impressão de existir
eternamente, enquanto apenas
se pule como um gesto que foi
pensado, mas não executado.

Não adianta refugiar-me
no jardim dos acusativos.
Cada flexão é um músculo tenso
que recrudescer à milícia do corpo.
Minha vida não pode ser
uma plantação de portas.
Não posso cultivar telefones mudos.
Quem regará os girassóis
que as janelas se tornam nos dias solares?
Há horto bastante no não.
Que fruto dá o pé de muro?

Avenida Beira-mar, 1960.

Sob mangueira da Beira-Mar,
quando todos os adultos faziam a sesta,
talas do mormaço immobilizaram a tarde.
Fez-se silêncio de torniquete.
A tarde eriçou o pêlo das árvores.
Enorme, plácida, placentária
e úmida, regurgitava
a inquietação dos quietos,
enquanto já se consubstanciava a exaustão de inquirir
e a cantaria do calçamento
formigava esplêndida nulidade
diante da pedra absorta.

Queda

Por que me perturba tanto
o alvoroço da imaginação
que, pombo sem asas, farfalha
dentro da gaiola improvável?
Pés imponderáveis navegam a ponte
entre a obsessão mole e a realidade dura.
O que existe entre uma e outra
é o único e obsessivo dente
que mastiga a carne pouca da razão,
suspensa por um ó de eletricidade e queda.

Todo ser é viagem incriada.
Sei que nenhum escape
é mais brutal que a realidade
e que não se pode arquivar a vida.

No livro-tombo,
inexatidão e inconsistência,
registro do pó,
sou apenas uma companhia limitada
que não se firma.

Poema contra a cremação

Ossos são exímios jogadores de carta
blefam a vida
pois querem representá-la
em sua Bauhaus de marfim.

Ossos são contadores hábeis,
estômago de fogo – cremação –
digere mais rápido
o osso duro que não consegue
– o tempo – vencer por pontos perdidos.

Ossos são inventariantes,
lápiz feito apenas do seu grafite
(ainda que o grafite seja
a carne do seu lápis
que, ao contrário do animal,
traz por fora seu esqueleto).

Ossos são ductos que nada conduzem,
a permanência do concreto
sobre a metafísica da carne,

ossos são a morte que carregamos,
a morte branca, a morte interna,
a morte vazia, a morte em forma de viga,
escondida pela carne
a fim de não nos lembrar
de sua existência dura.

A chuva

Caso morra, estarei barbeado e limpo,
como quem se higieniza para o amor
– não que a morte seja rito,
embora deva ser engravatada
e sonolenta como o morto se veste a rigor.
A rigor, a morte é higiênica.

Tua morte não aguda,
perpendicular,
garoa que perseguisse
o clima aziago do coração:
morte permanente e múltipla
a morte tem suas manias,
e o morto a idiossincrasia
de viver na memória dos outros
como uma chuva
que chovesse sem molhar.

Potemkim-Kursk

O encouraçado Potemkim,
ao nível do mar, era a esperança
de bonés jogados ao alto,
confetes no amanhã.
O Kursk, desencouraçado, é a Rússia
com sua máfia de ferro,
tráfico submarino de desesperança,
inflação mercantil de naufragos,
para onde lançar bonés ao alto
se o alto não existe?

O Kursk assombra porque é o destino
submerso, a vontade naufragada.
Antes se fazia poema
para a resistência de Stalingrado;
o Kursk é o épico às avessas,
a derrota da máquina,
a desilusão nuclear no coração russo,
navegar em cemitérios,
o caixão gigantesco de ferro e decadência.

Ronaldo Costa Fernandes ganhou o Prêmio Casas de las Américas com o romance *O Morto Solidário*, traduzido e publicado em Havana, Cuba, pela mesma Casa de las Américas e, no Brasil, pela editora Revan. Ganhou, entre outros, os prêmios de Revelação de Autor da APCA e o Guimarães Rosa. Na área do ensaio, publicou em 1996, pela editora Sette Letras, o livro *O Narrador do romance*, prêmio Austreségilo de Athayde, da UBE-RJ. No final de 97, ainda publica o romance *Concerto para flauta e martelo*, pela editora Revan, finalista do prêmio Jabuti-98. No ano de 1998, edita *Terratreme*, poesia, livro que recebeu o Prêmio Bolsa de Literatura, pela Fundação Cultural do DF. Durante nove anos dirigiu o Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Caracas. De volta ao Brasil, em 1995, foi Coordenador da Funarte de Brasília até o início de 2003. É Doutor em Literatura pela UnB. Seu último livro de poesia é de 2000: *Andarilho*, publicado pela Sette Letras.

(quarta de capa)

“Andarilho mostra uma força verbal e um cuidado com a linguagem exemplar e surpreendente.”

Affonso Ávila

“Delicado equilíbrio que atesta de fato a qualidade tensa e sensível em que se pede mais do leitor, com a palavra abordada em plenitude e luz.”

Marco Lucchesi